



RADICALIZANDO E AVENTURANDO COM A EDUCAÇÃO INFANTIL

RADICALIZING AND ADVENTING WITH CHILD EDUCATION

RADICALIZANDO E AVENTURÁNDOSE CON LA EDUCACIÓN INFANTIL

Walk Loureiro

Prefeitura Municipal de Cariacica, Cariacica, Espírito Santo, Brasil

Email: walk.l@uol.com.br

Lucas Borges Soeiro

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Email: luuca_borges@hotmail.com

Ríquel Martins Miranda

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo, Brasil

Email: riquelm26@gmail.com

Danielle Queiroz Pereira Loureiro

Prefeitura Municipal de Cariacica, Cariacica, Espírito Santo, Brasil

Email: danielleqq@hotmail.com

RESUMO

O objetivo é apresentar possibilidades de trabalho com práticas corporais de aventura/radicais da Educação Infantil para o professor de Educação Física. Utiliza como método de escrita o relato de experiências e se vale da autobiografia como método de memorização. Justifica a opção por adotar o conceito de práticas corporais em vez de esporte. Aponta ser possível e até necessário que o professor de Educação Física trabalhe com práticas corporais de aventura/radicais da Educação Infantil. Entre as contribuições que esses conteúdos podem propiciar é possível citar o desenvolvimento físico, psicomotor, sensorial, cognitivo, afetivo e da autoestima dos alunos, além da ampliação das experiências e do acervo cultural desses sujeitos.

Palavras-chave: Educação Física; Educação Infantil; Formação Profissional; Prática Profissional.

ABSTRACT

The study aims at presenting work possibilities with Children Education adventure/extreme body practices directed to the Physical Education Teachers. It uses as writing method the report of experiences and draws upon autobiography as recalling method. It justifies the option to use the concept of body practices rather than sports. The work indicates the possibility and even the necessity the Physical Education Teacher to work with Children Education adventure/extreme body practices. Among the contributions that such contents may provide it is possible to mention the physical, psychomotor, sensory, cognitive, emotional and the students' self-esteem development, besides the expansion of experiences and cultural archive of those individuals.

Keywords: Physical Education; Child Rearing; Professional Qualification; Professional Practice.

RESUMEN

El objetivo es presentar las posibilidades de trabajo con las prácticas corporales de aventura/radicais de la Educación Infantil para el profesor de Educación Física. El método de escrita utilizado es el relato de experiencias y la autobiografía el de memorización. Explica la adopción del término prácticas corporales y no de deporte. Apunta la posibilidad, y porque no, la necesidad que el profesor de Educación Física trabaje con prácticas corporales de aventura/radicais de la Educación Infantil. Entre las contribuciones que tales



contenidos pueden propiciar citamos el desarrollo físico, psicomotor, sensorial, cognitivo, afectivo y de la autoestima de los alumnos para allá de la ampliación de las experiencias y del acervo cultural de esos sujetos.

Palabras clave: Educación Física; Educación Infantil; Formación Profesional; Práctica Profesional.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem por objetivo apresentar possibilidades de trabalho com práticas corporais de aventura/radicais da Educação Infantil mediante as experiências de um professor de Educação Física, de dois discentes de um curso de licenciatura em Educação Física e de uma ex-estagiária, hoje professora, que o auxiliaram durante as aulas. Falamos de práticas corporais de aventura/radicais da (e não na) Educação Infantil (LOUREIRO, 2014), por entendermos que o trabalho com os conteúdos da Educação Física na primeira etapa da Educação Básica exige a adaptação, por vezes a reinvenção, das práticas corporais trabalhadas.

Mais do que uma opção semântica, ao criar práticas corporais de aventura/radicais da **Educação Infantil**, construímos uma práxis pedagógica que surge de práticas corporais que apresentam uma lógica e uma mecânica diferentes daquelas que são realizadas fora do âmbito da Educação Infantil.

Seguindo essa lógica criativa e partindo da proposta de Alves e Carvalho (2015), que defendem uma nova forma de produção de conhecimento na Educação Física utilizando do plano da experiência, temos buscado construir novos saberes e produzir conhecimento acerca das práticas corporais de aventura/radicais da Educação Infantil mediante nossa prática pedagógica.

Concordando com Contreras Domingo (2010, p. 21, tradução nossa) que **é a experiência que nos põe a pensar**, faremos neste texto um exercício de reflexão, pois compreendemos que “[...] Pensamos porque algo nos ocorre; pensamos como produto das coisas que nos acontecem, a partir do que vivemos, como consequência do mundo que nos rodeia, que experimentamos como próprio, afetados pelo que passamos [...]”.

Para tanto, optamos por escrever um texto coletivo por entendermos que, ao ser estabelecido um diálogo entre diferentes sujeitos que trabalham/trabalharam com as práticas corporais de aventura/radicais, seja possível contribuir para o compartilhamento de experiências, além de permitir intensa produção de conhecimentos. Ademais, acreditamos que “[...] Estar em grupo é uma maneira de buscar, através da força coletiva, recursos para enfrentar as dificuldades e enfrentar soluções conjuntas para viver de uma forma mais plena” (TATAGIBA; FILÁRTIGA, 2002, p. 11).

Ao assumirmos não apenas a inseparabilidade entre pesquisador e objeto de pesquisa, mas também a indissociabilidade entre a prática e a pesquisa cotidiana que realizamos em nossa prática pedagógica, construiremos nosso texto valendo-nos das **intervenções feitas no cotidiano escolar** que nos trazem a **rememoração de experiências obtidas de nossa prática docente** e do **diálogo realizado com a literatura existente a respeito das práticas corporais de aventura/radicais**. Vale destacar que apesar de não podermos mais considerar pequeno o conhecimento produzido sobre práticas corporais de aventura/radicais ainda percebemos dificuldade em encontrar uma literatura que trate especificamente dessa temática em instituições da Educação Básica.

Para alcançar nossas intenções, que não são poucas, o texto será didaticamente distribuído da seguinte maneira: primeiramente, explicaremos por que nosso texto contém caráter autobiográfico e quais são as implicações que esse modo de escrita traz para o conhecimento que produzimos; em seguida, explicaremos o conceito de práticas corporais de aventura/radicais por ele balizar nossa prática pedagógica; por fim, faremos reflexões com base nos conhecimentos gerados de nossas experiências na prática docente.



A prática docente constitui um espaço de extrema importância para o professor porque é na prática docente que encontramos elementos de suma importância como “a problematização, a intencionalidade para encontrar soluções, a experimentação metodológica, o enfrentamento de situações de ensino complexas, as tentativas mais radicais, mais ricas e mais sugestivas de uma didática inovadora [...]” (PIMENTA, 2002, p. 27).

A AUTOBIOGRAFIA COMO MÉTODO DE REMEMORAÇÃO

Como mencionado anteriormente, recuperaremos neste texto uma pequenina parte de nossas experiências como docentes (e aprendizes de docentes) da Educação Infantil, o que acaba fazendo com que nossa escrita ganhe um caráter autobiográfico. Nesse sentido, é preciso destacar que estamos produzindo nesse espaço um relato que admite, de antemão, a impossibilidade de realizar qualquer tipo de escrita pretensamente neutra e objetiva.

Para tanto nos valeremos de experiências, do passado e do presente, para a produção de conhecimento (ALVES; CARVALHO, 2015; MARTÍNEZ, 2015) e assumimos que nossa escrita jamais corresponderá a uma análise absolutamente fidedigna do que foi vivido/é vivido. Sendo assim, apresentaremos aqui a maneira pela qual lembramos, enxergamos e entendemos aquilo que foi e vem sendo vivido (CASTRO, 2013; CABRERA FUENTES; HERNÁNDEZ REYES; PONS BONALS, 2012).

Soares (2001, p. 37, grifos da autora) sintetiza bem o sentimento que assumimos neste texto no processo de memorização e reescrita de nosso passado no seguinte pensamento:

Procuro-me no passado e ‘outrem me vejo’; não encontro **a que fui**, encontro alguém que **a que sou** vai reconstruindo, com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo **aqui** e o **agora**. Esforço-me por recuperá-lo tal como objetivamente foi, deve ter sido [...].

Em suma, por meio de uma (re)interpretação, apresentaremos o trabalho desenvolvido com práticas corporais de aventura/radicais com alunos da Educação Infantil.

PRÁTICAS CORPORAIS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ainda que, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), em seu art. 21, inciso I, a Educação Infantil componha a educação básica, percebemos que esse nível de ensino possui muitas especificidades que o distinguem sobremaneira do ensino fundamental e do ensino médio. Talvez as principais delas que impactem o trabalho do professor de Educação Física com a Educação Infantil sejam a pouca autonomia das crianças e sua consequente dependência em relação aos adultos, o rápido crescimento de seu corpo, além do nível de desenvolvimento cognitivo e motor em que esses sujeitos se encontram, se comparados com as crianças maiores, adolescentes e jovens.

Por conta disso, optamos trabalhar com o conceito de **prática corporal**, e não com esporte na Educação Infantil, pois consideramos o segundo restrito demais. Uma das questões que, a nosso ver, limita o uso desse conceito na Educação Infantil é o nosso entendimento de que **o esporte “[...] se evidencia de forma global, trazendo consigo uma lógica e características padronizadas que o distinguem de outras práticas sociais, que lhe conferem uma homogeneidade [...]”** (STIGGER, 2005, p. 9, grifos nossos).

A nosso ver, tal homogeneidade não cabe na Educação Básica nem muito menos na Educação Infantil, porque o professor de Educação Física, durante sua prática pedagógica, muitas vezes tem de improvisar, adaptar materiais, reinventar e/ou ressignificar as atividades, mudar as condições de que dispõe, além de adaptar as práticas corporais propostas, para que todos aprendam e logrem êxito na realização delas.

Outro motivo que nos leva a utilizar o conceito de **prática corporal** em vez do de



esporte é a opinião de Debortoli, Linhales e Vago (2002) de que esportivizar as práticas corporais é um grande equívoco, pois, ao fazê-lo, o professor de Educação Física acaba por naturalizar aprendizagens que são socialmente construídas. Vale destacar, ainda, que a expressão prática corporal que adotamos neste texto é balizada por Silva e Damiani (2005, p. 23, grifo das autoras). Essas autoras explicam que

[...] o termo **prática** deve ser compreendido em sua acepção de ‘levar a efeito’ ou ‘exprimir’ uma dada intenção ou sentido e fazê-lo, neste caso, por meio do corpo, como indica e permite plenamente a língua portuguesa. Esta expressão mostra adequadamente o sentido de construção cultural e linguagem presentes nas diferentes formas de expressão corporal [...].

Em suma, acreditamos que a opção por trabalhar com práticas corporais da Educação Infantil em vez de esporte não é equivocada, pois entendemos que, “[...] no âmbito da educação física escolar, o conceito de práticas corporais pode levar a uma atividade educativa que aborda e considera diversas dimensões da vida humana [...]” (GREGÓRIO; WIGGER; ALMEIDA, 2014, p. 2), algumas das quais o esporte geralmente acaba por desconsiderar.

Podemos citar como componentes da vida humana as dimensões física, psíquica, social, moral, espiritual, política, (inter) cultural, ética e ambiental (RAMOS; LUCATO, 2010; MOTA, 2009). Por mais que todas essas dimensões da vida humana acabem por atravessar o conceito de esporte, nem todas são muito bem aceitas e/ou refletidas no meio esportivo, especialmente se levarmos em consideração o fenômeno esportivo midiático com sua fabricação de ícones, a movimentação de cifras exorbitantes ligadas direta ou indiretamente ao esporte, tornando-o um negócio extremamente lucrativo para alguns.

Outra questão que nos leva a escolher as práticas corporais de aventura/radicais da Educação Infantil se deve ao nosso entendimento de que esporte corresponde apenas a um tipo de prática corporal entre outras tantas possíveis, como as lutas, a dança, o jogo, as brincadeiras, o lazer, as ginásticas.

Ao adaptarmos os conceitos de esporte de aventura e de esporte radical estabelecidos pelo Conselho Nacional de Esporte (2007) à realidade da Educação Infantil, chegamos às seguintes características que distinguem as práticas corporais de aventura das práticas corporais radicais da Educação Infantil (Quadro 1).

Quadro 1 – Principais características que diferenciam as práticas corporais de aventura das práticas corporais radicais da Educação Infantil

Práticas corporais	De aventura	Radicais
Principal característica	Interação com a natureza	Desafio ao seu praticante
Local de realização	Lugares “naturais” ou que façam “menção” à natureza	Lugares tanto artificiais quanto naturais
Sensação gerada	Prazer mediante a interação com a natureza	Satisfação pela superação dos próprios limites

Nota: construção dos autores

Apesar de percebermos a existência de diferenças entre ambas, usaremos, no decorrer de todo o texto, a expressão práticas corporais de aventura/radicais. Isso porque, neste texto, nos

interessa mais as características que as aproximam do que aquelas que as distinguem: as sensações e emoções geradas em nossos alunos ocasionadas pela incerteza, pelo risco e/ou pelo



prazer envolvido com a(s) atividade(s) desenvolvida(s). A respeito dos riscos Franco, Cavasini e Darido (2014, p. 108) nos lembram que o simples fato de trabalhar com as práticas corporais de aventura/radicais gera uma “[...] demanda por esforços estruturados que superem a simples intencionalidade de promover práticas seguras [...]”. Evidentemente que estamos tratando de riscos e incertezas calculados, pois todas as medidas de segurança possíveis devem ser adotadas de maneira a garantir que nenhum aluno sofra qualquer tipo de dano físico e/ou psicológico, ao participar das práticas propostas.

Ao trabalharmos com práticas corporais de aventura/radicais da Educação Infantil, temos por objetivos contribuir no desenvolvimento físico, psicomotor, sensorial, cognitivo, afetivo e da autoestima de nossos alunos, além de ampliar o rol de experiências e o acervo cultural deles. Em relação ao último objetivo apontado, é importante frisar nossa compreensão de que a cultura possui importância para a Educação Física, uma vez que “[...] todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural, desde os primórdios da evolução até hoje, expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos” (DAOLIO, 2007, p. 2).

Outro aspecto muito importante para escolhermos trabalhar com os esportes de aventura é trazido por Franco, Cavasini e Darido (2014, p. 107) ao apontarem que em relação “[...] às experiências proporcionadas pelas práticas corporais de aventura, [...] essas podem estimular as emoções dos alunos e proporcionar experiências únicas, por meio de desafios e superação de limites”.

Em tempos nos quais a permanência da Educação Física vem sendo ameaçada no ensino médio – haja vista a Medida Provisória n.º 746, de 22 de setembro de 2016, que dá um duro golpe na concepção de educação como “uma prática democrática através da qual educadores e educandos tiram a venda dos olhos para melhor verem a realidade” (FREIRE, 1991, p. 20) –, nunca é demais (re) afirmar o papel que nossa disciplina tem na ampliação do acervo cultural de nossos alunos (FRANCO, 2008).

Revelados os conceitos que balizam nossa prática pedagógica, bem como alguns dos objetivos que buscamos contemplar, ao trabalharmos com as práticas corporais de aventura/radicais da Educação Infantil, é preciso apresentar e refletir um pouco o trabalho realizado com esses conteúdos.

RADICALIZANDO E AVENTURANDO-SE COM A EDUCAÇÃO INFANTIL

Não há dúvidas de que, nos últimos anos, as práticas corporais de aventura/radicais têm crescido em importância em solo brasileiro. Como indícios dessa afirmação, podemos citar alguns: o aumento no número de praticantes e o surgimento de novos esportes aventura/radicais (CANTORANI; PILATTI, 2005; PEREIRA; TAVARES; SUZUKI, 2016); o acréscimo paulatino no número de cursos, oficinas e palestras que tratam desses conteúdos, além do crescente interesse da mídia na criação de um mercado consumidor de produtos que transmitem o sentido de aventura (ARMBRUST; LAURO, 2010); e a experimentação contemporânea de “uma diversificação de atividades de aventura, na perspectiva do lazer” (PIMENTEL, 2013, p. 688).

Apesar desse acréscimo, percebemos que ainda é pequeno o número de professores de Educação Física da Educação Básica que trabalham e publicam suas práticas pedagógicas utilizando-se das práticas corporais de aventura/radicais como conteúdo naqueles que consideramos alguns dos mais importantes periódicos da Educação Física brasileira (a Revista Brasileira de Ciências do Esporte, a Revista Movimento e a Pensar a Prática), na *Lecturas, Educación Física y Deportes* (que apesar de argentina é muito consultada e apreciada pelos docentes de nosso país), e mesmo no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE) que é por nos entendido como o evento que possui a maior importância no cenário da Educação Física nacional.

Para comprovar nosso ponto de vista realizamos uma consulta nos anais de quatro edições do CONBRACE que ocorreram em



2009, 2011, 2013 e 2015 e nos periódicos listados acima, locais em que encontramos poucas referências (CORRÊA; SANTOS; FLACH, 2011; PEREIRA; TAVARES; SUZUKI, 2016). Se levarmos em conta as comunicações orais divulgadas nos últimos três anais publicados do “Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura” (CBAA) – uma no VI de 2011, quatro no VII de 2012 e nove no IX de 2016, pois o VIII de 2014 não contou com publicação dos anais – é possível ter uma ponta de esperança haja vista que o interesse pelas práticas corporais de aventura/radicais como conteúdo nas aulas de Educação Física vem aumentando tanto entre pesquisadores, quanto entre os professores das escolas.

Esse número fica ainda mais alarmante se compararmos essas publicações com as feitas por professores de Educação Física dos demais países da América Latina e da Espanha, que se valem das práticas corporais de aventura/radicais como conteúdos em suas aulas. Isso sem falar que, na Espanha, as práticas corporais de aventura na natureza compreendem um grande bloco de conteúdos curriculares que os professores de Educação Física daquele país devem trabalhar em suas escolas (BAENA-EXTREMERA; INACIO, 2013).

Diante dessa pequena incidência das práticas corporais de aventura/radicais como conteúdo das aulas de Educação Física em escolas brasileiras, aproveitaremos esta seção para discutir algumas das várias dificuldades e empecilhos que enfrentamos cotidianamente com práticas corporais de aventura/radicais da Educação Infantil, além de apontar possíveis caminhos para superar os problemas e realizar uma prática docente com sentido e significado.

Mas antes de prosseguir é preciso situar o leitor, ainda que brevemente, a respeito da cidade, da instituição de ensino e do contexto no qual as práticas em questão foram realizadas. O Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) “Odila Simões” fica situado no bairro Morro do Quadro, localizado em uma área de periferia próxima à região central de Vitória, que é a capital do Espírito Santo. O CMEI recebe crianças majoritariamente pobres e apresenta um espaço físico externo amplo, capaz de receber

diversas práticas corporais de aventura/radicais como as que apresentaremos a seguir.

Mesmo com todo esse potencial nunca houve apoio da gestão escolar em adquirir os materiais necessários para realizar o trabalho relatado neste texto e as práticas corporais de aventura/radicais só foram trabalhadas devido ao interesse do docente da escola nesses conteúdos e a consequente aquisição do material necessário com recursos próprios. Apesar da falta de apoio é possível dizer que algumas práticas corporais de aventura/radicais, como o *slackline*, encontram-se bem difundidas nos CMEI's da Rede Municipal de Vitória por iniciativa única e exclusiva de muitos professores que acolheram e adotaram esse tipo de conteúdo como mais uma possibilidade em sua prática pedagógica. Apresentado o contexto partiremos aos relatos propriamente ditos e a posterior análise.

• **Para além dos medos dos adultos**

Quando fui trabalhar pela primeira vez com uma prática corporal radical optei pelo *slackline*. Me capacitei tecnicamente, treinei com familiares e preparei tudo o que podia para dar segurança aos alunos: coloquei a uma altura que evitasse acidentes, forrei o entorno da área com colchões (para evitar acidentes com possíveis quedas) e coloquei uma corda um pouco acima da cabeça dos alunos (para dar segurança sobre a fita quando eles perdessem o equilíbrio). Apesar de todo meu esforço, a única questão que surgiu por parte da pedagoga com quem eu trabalhava era que ela achava aquela atividade perigosa demais e que eu estava procurando “sarna pra me coçar”. Ela achava que os alunos se acidentariam constante e gravemente, coisa que nunca aconteceu (Discente Lucas).

Uma questão importante que muitos professores de Educação Física que se propõem a trabalhar com práticas corporais de aventura/radicais da Educação Infantil têm de enfrentar é a insegurança dos adultos projetada nas crianças. Muitas vezes, esse medo advém não apenas dos pais dos alunos e seus responsáveis, mas também de membros da



própria instituição escolar, como se pode constatar na narrativa supracitada.

Vale destacar que alguns desses receios são legítimos se levarmos em conta que, em condições normais, as crianças da Educação Infantil apresentam algumas limitações temporárias que as tornam mais sujeitas à ocorrência de acidentes nessa fase da vida (CARVALHO, 1997; PLANO NACIONAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA, 2014). Lamentavelmente, com o intuito de (super) proteger as crianças, é comum que alguns adultos as impeçam de participar de determinadas práticas corporais que as ajudariam a desenvolverem-se, por julgarem tais práticas arriscadas demais.

Para apontar a importância da execução por parte dos alunos de diversas experiências motoras, trazemos Magill (2008, p. 245) em nosso auxílio, quando ele afirma: “Uma característica da prática que aumenta as oportunidades de desempenhos futuros bem-sucedidos consiste na variabilidade das experiências vividas pelo aprendiz durante a prática [...]”. Também Schmidt e Wrisberg (2006, p. 304) ressaltam o papel das experiências motoras, quando os autores apontam que “[...] os profissionais do movimento devem ser capazes de planejar experiências de aprendizagem que otimizem as chances dos alunos de atingirem suas metas [...]”.

No entanto, como estamos tratando de práticas corporais de aventura/radicais da Educação Infantil, é preciso propiciar experiências que ajudem no desenvolvimento de nossos alunos sem sujeitá-los a riscos de acidentes. Nesse sentido, devemos levar em conta a opinião de Dolz (2004, p. 58): “A estimulação motora é positiva desde que não peque por excesso e provoque fadigas, má formação ou desajustes no desenvolvimento orgânico”.

Por conta da discussão realizada até aqui acerca da importância de experiências motoras variadas para a aprendizagem de nossos alunos, podemos afirmar que, ao propiciarmos práticas corporais de aventura/radicais da Educação Infantil no decorrer de nossas aulas, estamos fornecendo estímulos importantes que

contribuem para o desenvolvimento tanto físico, psicomotor, sensorial e cognitivo de nossos alunos quanto afetivo e da autoestima deles. Neste sentido, só para termos uma ideia da importância das práticas corporais de aventura/radicais no desenvolvimento humano, podemos citar o estudo desenvolvido por Pereira, Tavares e Suzuki (2016) que apontou o *slackline* como uma prática corporal capaz de melhorar a saúde e a qualidade de vida de idosos.

No entanto, para garantir que esses estímulos sejam benéficos para seus alunos, o professor precisa levar em conta as seguintes questões: As práticas corporais de aventura/radicais que estou propondo estão de acordo com as possibilidades que os alunos apresentam para realizá-las? Quais são os riscos a que os alunos estão submetidos, ao participarem delas? Foram tomadas as medidas necessárias para evitar a ocorrência de acidentes? Os alunos que participam das atividades propostas sentem-se seguros ao fazê-las? Estou respeitando o tempo e o limite de meus alunos?

São questões complexas a que o professor poderá responder positivamente se se propuser a desenvolver a competência necessária para trabalhar com cada uma das práticas corporais de aventura/radicais da Educação Infantil que desejar; usar materiais de qualidade e inspecioná-los de maneira a garantir a segurança de seus alunos; conhecer as fases de desenvolvimento motor (GALLAHUE; OZMUN, 2013) e da aprendizagem motora de seus alunos de maneira a submetê-los a estímulos específicos para que eles desenvolvam as habilidades motoras necessárias (MAGGIL, 2008); levar em conta as diversas questões individuais que podem influenciar na aquisição das habilidades motoras (SCHMIDT; WRISBERG, 2006); buscar conhecer seu aluno; e desenvolver a sensibilidade necessária para vê-lo como sujeito único e, portanto, diferente dos demais colegas de sala.

Tratando dessas e de diversas outras questões que o professor julgar pertinentes, ele não apenas evitará acidentes e traumas em seus alunos, como também contribuirá positivamente para o desenvolvimento integral deles.



• **A adaptação de materiais**

Queria muito trabalhar a tirolesa com meus alunos, mas o material era muito caro para minhas condições e a direção escolar não se dispunha a comprar, pois achava o gasto desnecessário e não considerava a Educação Física importante a não ser que fosse para cobrir o planejamento das professoras regentes de sala. Se um amigo meu, que trabalhava em outro Centro Municipal de Educação Física, não me emprestasse o material que ele comprou e adaptou eu nunca teria essa experiência e não teria me apaixonado pelas práticas corporais de aventura/radicais (Professor Walk).

Mesmo com a atual disponibilidade em diversas lojas especializadas de muitos equipamentos para práticas corporais de aventura/radicais e, apesar de seus valores virem baixando com o tempo, eles são bem mais caros do que bolas, bambolês e diversos outros itens de uso “mais tradicional” da Educação Física escolar. Isso pode fazer com que alguns gestores das instituições educacionais considerem o investimento nesse tipo de materiais “muito alto” e por isso evitem comprá-los.

Diante dessa possível dificuldade, que inclusive vivemos em nossa prática docente, apresentaremos a seguir exemplos de soluções que arranjamos para, em um primeiro momento, conseguir trabalhar com as práticas corporais de aventura/radicais na instituição de Educação Infantil em que trabalhávamos, para depois, em um segundo momento, tentar convencer a gestão da instituição a adquirir os materiais de que necessitávamos.

Nesse sentido, não devemos esquecer, ao trabalharmos com alunos da Educação Infantil, que a adaptação de materiais pode ser uma boa alternativa para trabalhar com práticas corporais de aventura/radicais. Por eles serem menores, possuem um peso bem pequeno se comparado com o de alunos adolescentes e adultos, o que facilita tal adaptação. No entanto, é preciso tomar o devido cuidado para que, ao adaptar os materiais e, por consequência, a atividade, não se abra mão da segurança dos alunos.

Um bom exemplo que podemos dar, além da narrativa apresentada no início desta seção – na qual o professor que emprestou os materiais substitui a polia por uma carretilha de aço que foi virada de cabeça para baixo – é o trabalho que realizamos com a escalada com crianças maiores de quatro anos. Para que realizássemos o trabalho, precisaríamos construir uma parede de escalada – com agarras próprias para crianças, além de todo um aparato de segurança que envolvia polias, cordas, cadeira de segurança, entre outros materiais – ou arranjar alguma solução com um material mais barato que surtisse efeito parecido.

Após muita pesquisa e troca de experiências, decidimos construir uma rede com cordas. Adquirimos cem metros de corda de poliamida de meia polegada para a construção de uma rede de quatro metros de altura por quatro metros de largura, com uma malha de 35 centímetros de abertura. Foi definido esse espaço entre as carreiras de cordas entrelaçadas para impedir que os alunos atravessassem a rede e, conseqüentemente, caíssem e se acidentassem durante a realização da escalada.

Além da evidente economia, obtivemos uma vantagem inesperada em relação à substituição da parede de escalada pela rede de cordas: a mobilidade que obtivemos com sua construção, fato que nos permitiu realizar a escalada com nossos alunos tanto dentro quanto fora de nossas instituições de ensino, como é possível perceber nas fotografias abaixo.

Vale destacar também que a rede construída não apenas se tornou um excelente e barato recurso para trabalhar a escalada como conteúdo nas aulas de Educação Física, como também acabou sendo (res) significada por nossos alunos que a transformaram na teia do “Homem-Aranha” e da “Dona Aranha”.

• **Enfrentando a falta de espaços adequados**

Uma coisa que me incomoda muito na Educação Infantil de Vitória é a falta de espaços adequados para a realização das aulas de Educação Física. E não estou falando de quadras. Falo de um espaço mínimo que seja para o professor de



Educação Física organizar e realizar as aulas planejadas. Isso influencia muito na qualidade do trabalho que eles podem realizar. Apesar das dificuldades percebemos o quanto eles tentam se reinventar e se adaptar a essa situação todos os dias (Professora Danielle).

Alguns estudos apontam a falta de espaços adequados (ou mesmo alternativos) como um importante empecilho para que os professores da disciplina Educação Física possam trabalhar adequadamente na Educação Básica (AGUIAR et al., 2005; LESSA; LIMA, 2014; DAMAZIO; SILVA, 2008). Nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI's) de Vitória, essa situação não é diferente, pois, segundo Loureiro, Cruz Junior e Silva (2011, p. 82), “[...] grande parte dos CMEI's de Vitória, especialmente os criados antes da implementação definitiva da Educação Física no currículo da Educação Infantil, não foram construídos pensando em receber algum dia essas aulas em seus espaços”.

Como alternativa para o problema, atuamos em duas frentes: buscamos alternativas dentro do próprio espaço escolar negociando com pedagogas, direção e demais professoras, para alterar a rotina de nossas instituições; e construímos parcerias com instituições que ficavam localizadas no entorno dos CMEIs – como as Associações de Moradores, uma igreja com um pátio enorme e duas Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs) – que possuíam espaços que podiam ser utilizados para a realização de práticas corporais de aventura/radicais da Educação Infantil.

Foi assim que a tirolesa, o *slackline* e a escalada foram realizados em quadras, parques, pátio de igreja, praças e dentro dos tempos-espaços transformados de nossos CMEIs. Também conseguimos transformar, não sem conflitos, a rampa destinada para o trânsito da comunidade escolar em uma radical pista para a descida em carro de rolimã que as crianças faziam acompanhadas dos adultos.

Vale ressaltar aqui que não negamos que a existência de espaços adequados para a realização das práticas corporais de aventura/radicais propostas dentro do espaço escolar seja fundamental. No entanto, como foi possível perceber, com um pouco de diálogo com

membros da comunidade escolar e de instituições próximas ao entorno da instituição é possível construir algumas alternativas para a concretização de práticas pedagógicas com conteúdos apresentados neste texto.

Isso não quer dizer que o professor de Educação Física deva conformar-se com a falta de espaços minimamente adequados para realizar sua prática, pelo contrário. Acreditamos que, ao construir uma prática diferenciada que supera as dificuldades inicialmente apresentadas, o professor de Educação Física pode demonstrar a importância de seu trabalho, além de chamar a atenção da comunidade escolar para a necessidade de se unir e cobrar do poder público soluções para a falta de espaços adequados.

Em tempos nos quais a Educação Física corre o perigo de ser retirada do currículo no Ensino Médio, torna-se premente buscar ações no intuito de demonstrar a importância de nossa disciplina para a educação de nossos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber no decorrer do texto construir uma prática docente com as práticas corporais de aventura/radicais na primeira etapa da Educação Básica é possível e até necessário, haja vista as contribuições que esses conteúdos podem trazer para o desenvolvimento de nossos alunos, além de ampliar o rol de experiências e o acervo cultural desses sujeitos.

Para alcançarmos sucesso nessa empreitada, acreditamos e defendemos que **os professores de Educação Física devem construir uma prática corporal** que não apenas esteja nessa etapa da Educação Básica, mas **que seja da Educação Infantil**. Mesmo assim, muitas têm sido as dificuldades apresentadas aos professores de nossa disciplina: a inexistência de espaços adequados; a falta de materiais para trabalhar; o desconhecimento de boa parte dos demais membros da comunidade escolar a respeito de quais são os conteúdos da Educação Física e das contribuições que podemos trazer para nossos alunos, entre outras.

Conosco não foi diferente e, apesar de tantos obstáculos, não nos furtamos a realizar uma



prática pedagógica com sentido e significado, fundamentada no conceito de práticas corporais e pautada pela intenção em ampliar o acervo cultural de nossos alunos.

Esperamos que, mediante a construção deste texto, que correspondeu basicamente a um relato de experiências, possamos contribuir tanto com

futuros professores de Educação Física que apresentem o interesse em trabalhar práticas corporais de aventura/radicais da Educação Infantil quanto com aqueles docentes que já atuam nesse nível de ensino e que talvez ainda não tenham despertado para as possibilidades que aqui apresentamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Camila Silva de e colaboradores. Principais dificuldades dos professores de educação física nos primeiros anos de docência: elementos para (re) orientação das disciplinas de didática e prática de ensino do curso de licenciatura em educação física da UFU. **Motrivivência**, v. 17, n. 25, p. 37-55, dez., 2005.

ALVES, Flávio Soares; CARVALHO, Yara Maria de. A educação física no plano da experiência: implicações na pesquisa e na intervenção profissional e docente. **Pensar a prática**, v. 18, n. 1, p. 1-12, jan./ mar., 2015.

ARMBRUST, Igor; LAURO, Flávio Antônio Ascânio. O skate e suas possibilidades educacionais. **Motriz**, v. 16, n. 3, p. 799-807, jul./ set., 2010.

BAENA-EXTREMERA, Antonio; INACIO, Humberto Luís de Deus. España en la innovación sobre la enseñanza de las actividades corporales de aventura en educación física escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18. CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 5. 2013, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2013/5conice/paper/view/4890/276>>. Acesso em: 05 abr. 2016.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 21 set. 2017.

CABRERA FUENTES, Juan Carlos; HERNÁNDEZ REYES, Nancy Leticia; PONS BONALS, Leticia. La autobiografía como punto de partida para construir una historia colectiva. In: IGNACIO RIVAS, José. e colaboradores (Orgs.). **Historias de vida em educación**: sujeto, diálogo, experiencia. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2012, p. 43-48.

CANTORANI, José Roberto Herrera; PILATTI, Luiz Alberto. O nicho 'Esportes de Aventura': um processo de civilização ou descivilização? **EFDeportes.com** (Revista Digital), Buenos Aires, ano 10, n. 87, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd87/aventur.htm>>. Acesso em: 15 out. 2017.

CARVALHO, Silvana Denofre. **Principais acidentes na infância**. 1997. Disponível em: <<http://www.hospvirt.org.br/enfermagem/port/acidente.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

CONSELHO NACIONAL DO ESPORTE (Brasil). Resolução n.º 18, de 9 de abril de 2007. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 11 out. 2007. Seção 1, p. 107.



CONTRERAS DOMINGO, José e colaboradores. **Investigar la experiencia educativa**. Madrid, España: Morata, 2010.

CORRÊA, Ivan Livindo de Senna; SANTOS, Deise Francelle dos; FLACH, Paloma Ziliotto Sant'Anna. Rapel e tirolesa no ensino médio: a aventura na escola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17. CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4. 2011, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/view/2750/1499>>. Acesso em: 05 abr. 2017.

DAOLIO, Jocimar. **Educação física e o conceito de cultura**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

DEBORTOLI, José Alfredo; LINHALES, Meily Assbú; VAGO, Tarcísio Mauro. Infância e conhecimento escolar: princípios para a construção de uma educação física “para” e “com” as crianças. **Pensar a prática**, v. 5, p. 92-105, 2002.

FRANCO, Laércio Claro Pereira. **Atividades físicas de aventura na escola**: uma proposta pedagógica nas três dimensões do conteúdo. 134f. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 2008.

FRANCO, Laércio Claro Pereira; CAVASINI, Rodrigo; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de (Org.). **Lutas, capoeira e práticas corporais de aventura**. Maringá, PR: Eduem, 2014.

FREIRE, Paulo. A educação é um ato político. **Cadernos de ciência**, n. 24, p. 20-21, jul./ago./set. 1991.

GALLAHUE, David L.; OZMUN, John C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 7. ed. São Paulo: Phorte, 2013.

GIL DOLZ, Marta Carranza. Como é meu corpo? In: LLEIXÀ ARRIBAS, Teresa e colaboradores. **Educação infantil**: desenvolvimento, currículo e organização escolar. 5. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004. p. 53-84.

GREGÓRIO, Leiriane Viveiros; WIGGERS, Ingrid Dittrich; ALMEIDA, Dulce Filgueira de. “Isso é aula de educação física?” Práticas corporais na escola. **Pensar a prática**, v. 17, n. 4, p. 1-13. out./dez., 2014.

LESSA, Mirna Maria Felix de Lima; LIMA, Patricia Ribeiro Feitosa. Dança na educação física: as dificuldades do ensino nas escolas públicas de Canindé-CE. **Fiep Bulletin**, v. 84, Edição Especial, 2014. Disponível em: <<http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/4366/8541>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

LOUREIRO, Walk; CRUZ JUNIOR, Antônio Fernandes da; SILVA, Elizete Aparecida. Educação física e artes: trabalhando na educação infantil de maneira interdisciplinar. **Cadernos de formação RBCE**, Campinas, SP, v. 2, n. 1, p. 81-94, jan., 2011.



LOUREIRO, Walk. La educación en valores en las clases de Educación Física en el centro municipal de educación infantil “Odila Simões”, Vitória, Espírito Santo, Brasil. **La Peonza**, n. 9, p. 45-52, may., 2014.

MAGGIL, Richard A. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. 5. ed. 4. reimpr. São Paulo: Edgard Blücher, 2008.

MARTÍNEZ, Alejandra. Una reflexión autoetnográfica sobre la práctica de las artes marciales de contacto: ser una (*uno*) entre todos ellos. **Astrolabio**, n. 14, p. 290-312, 2015.

MOTA, Carlos Alberto Magalhães Gomes. **Educação intercultural e cidadania: as dimensões da vida humana abrangidas pela educação**. 2009. Disponível em: <http://www.carlosmota.info/docs/Educacao_Intercultural_e_Cidadania-_As%20dimensoes_da_vida_humana_abrangidas_pela_Educacao.doc>. Acesso em: 20 fev. 2017.

PEREIRA, Dimitri Wuo; TAVARES, Juliana Teles; SUZUKI, Frank Shiguemitsu. Slackline: saúde, aventura e emoção para os idosos. **Pensar a prática**, v. 19, n. 2, p. 328-338, abr./jun., 2016.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 35, n. 3, p. 687-700, jul./set., 2013.

PITA CASTRO, Juan Carlos. Relatos autobiográficos, pruebas e identidades. In: LOPES, Amélia e colaboradores (Coord.). **Histórias de vida em educação: a construção do conhecimento a partir de histórias de vida**. Barcelona, Espanha: Universitat de Barcelona, 2013.

PLANO NACIONAL DA PRIMEIRA INFÂNCIA. **Mapeamento da ação finalística evitando acidentes na primeira infância**. Fortaleza, CE: Rede Nacional Primeira Infância, 2014.

RAMOS, Dalton Luiz de Paula; LUCATO, Maria Carolina. O conceito de pessoa humana da bioética personalista (personalismo ontologicamente fundado). **Revista pistis & praxis**, v. 2, n. 1, p. 57-75, jan./jun., 2010.

SCHMIDT, Richard J.; WRISBERG, Craig A. **Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema**. 2. ed. reimpr. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, I. R. **Práticas corporais: gênese de um movimento investigativo em educação física**. Florianópolis, SC: Nauemblu Ciência & Arte, 2005.

SILVA, Maria Fatima Paiva; DAMAZIO, Márcia Silva. O ensino da educação física e o espaço físico em questão. **Pensar a prática**, v. 11, n. 2, p. 197-207, mai./ ago., 2008.

SOARES, Magda. **Metamemória - memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez, 2001.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação física, esporte e diversidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

TATAGIBA, Maria Carmen; FILÁRTIGA, Virgínia. **Vivendo e aprendendo com grupos: uma**



metodologia construtivista de dinâmica de grupo. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Dados do primeiro autor:

Email: walk.l@uol.com.br

Endereço: Rua Loren Reno, 92, Parque Moscoso, Vitória, ES, CEP: 29018-120, Brasil

Recebido em: 20/12/2017

Aprovado em: 08/03/2018

Como citar este artigo:

LOUREIRO, Walk e colaboradores. Radicalizando e aventurando com a educação infantil. **Corpoconsciência**, v. 22, n. 01, p. 53-65, jan./abr., 2018.